ALCORÃO

prof.com.partilhando

HISTÓRIA EM FOCO

História em Foco
Alcorão
Ano 1, Nº 1

alto astral

O Islã defende mesmo a GUERRA SANTA?

O PAPEL DA MULHER dentro da religião islâmica

O que REALMENTE diz O LIVRO SAGRADO DO ISLAMISMO sobre TEMAS POLÊMICOS

A revelação das palavras de ALÁ ao profeta MAOMÉ

"Em nome de Deus, o Clemente,
o Misericordioso.
Louvado seja Deus, Senhor do Universo,
Clemente, o Misericordioso,
Soberano do Dia do Juízo.
Só a Ti adoramos e só de Ti
imploramos ajuda!
Guia-nos à senda reta,
À senda dos que agraciaste, não à dos
abominados, nem à dos extraviados."

1ª sura, Al-Fatiha ("A Abertura")

FOTO Shutterstock Images

prof.com.partilhando



EM BUSCA DO SAGRADO

No cenário geopolítico internacional, setembro de 2015 ficará marcado pela chegada em massa à Europa de imigrantes oriundos do Oriente Médio, sobretudo da Síria. Boa parte deles, por sinal, não teve sucesso em seu propósito e foi tragada impiedosamente pelas águas do Mar Mediterrâneo. Para se sujeitarem a viagens precárias, sem o mínimo de segurança, só com um motivo bem maior do que a mera vontade de prosperar financeiramente em uma economia mais forte: o temor pela própria vida em seu país de origem.

Dia após dia, multiplicam-se no noticiário as ações brutais do grupo autodenominado Estado Islâmico. Que, por meio da força, pretende impor um governo supostamente amparado nos princípios defendidos pelo Alcorão, a reunião dos dizeres de Alá, ditadas ao profeta Maomé pelo anjo Gabriel. Aos opositores, a morte. Impossível esquecer que, invocando esse mesmo Alcorão, já foram cometidas diversas outras ações desprezíveis, sendo os atentados de 11 de setembro de 2001 as mais impactantes.

Barbaridades que geraram, como consequência, um enorme preconceito de todo o resto do mundo para com os muçulmanos. Entretanto, não poderia estar mais equivocado quem pensa que o livro sagrado do Islã defende a violência ou outras posturas como a inferioridade da mulher perante os homens. Quem já conhece os versos do Alcorão sabe que uma beleza e nobreza ímpares estão contidas em seus versículos.

Desfazer tal imagem distorcida é o objetivo dessa revista, que ainda explica as origens desse mesmo Alcorão. Para quem gosta de informação em primeiro lugar, é imprescindível contemplar o ponto de vista daqueles muçulmanos que pregam a tolerância – felizmente, a maioria. Quem se propor a fazê-lo, por sinal, notará inúmeras semelhanças com o ocidente cristão em que estamos inseridos.

Portanto, boa leitura!

A redação

04 AS ORIGENS
O caminho de Maomé para trazer ao mundo os ensinamentos de Alá

08 JIHAD
Lutar pela fé não significa fomentar uma guerra santa

10 LEIS E POLÍTICA
A participação do Alcorão na construção das sociedades islâmicas

12 O PAPEL DA MULHER
O que o livro sagrado afirma ou não a respeito da figura feminina

FOTO Shutterstock Images

BEM MAIS QUE UM LIVRO

A partir do Alcorão, o islamismo se ergueu e superou sucessivas fronteiras

Uma compilação dos ensinamentos de um deus único e soberano, conforme os relatos de um anjo ditados diretamente a um homem iluminado. Assim pode ser definido o Alcorão, o livro sagrado do islamismo, religião professada por aproximadamente 23% da população mundial – totalizando cerca de 1,7 bilhão de fiéis, sendo superada nesse quesito apenas pelo cristianismo, cujas estimativas apontam 2,4 bilhões de seguidores mundo afora.

Para os muçulmanos, as páginas do Alcorão são as mais verdadeiras expressões de fé e sabedoria, dotadas de um poder inato, contido em sua própria sonoridade. Entretanto, tamanha beleza fica em segundo plano para o restante do globo cada vez que arbitrariedades são cometidas, supostamente em nome dessas mesmas palavras sagradas. Sendo assim, faz-se necessário esclarecer ao máximo possível a essência daquilo que foi ditado a Maomé entre o final do século VI e o começo do século VII.



Ditadas diretamente pelo anjo Gabriel ao poeta Maomé no espaço de 23 anos, as palavras do Alcorão são a mais perfeita expressão dos desígnios divinos.

A origem

Durante muito tempo, o islamismo chegou a ser chamado de "maometanismo", tamanha a importância que o profeta Maomé tem em sua história. Ele nasceu por volta do ano 570 d.C., na cidade de Meca, hoje pertencente à Arábia Saudita. Tratava-se de um importante centro comercial e ponto de parada para diversas caravanas que transitavam de um lado a outro da Península Arábica, no Oriente Médio.

Ao mesmo tempo, Meca era um ponto de referência em matéria de religião. Inúmeras tribos de nômades beduínos que por ali passavam adoravam a seus diferentes deuses no templo da Caaba, construído ao redor da Pedra Negra – segundo a crença, um meteorito branco que acabou escurecendo por conta dos pecados dos homens. O grupo dos coraixitas dominava o local e vivia a partir dos tributos cobrados dos mercadores em trânsito.

Para Maomé, tal sociedade encontrava-se em estado de degradação moral. Anualmente, ele praticava um retiro espiritual no Monte Hira, ali próximo, visando se purificar. Foi naquele local que, aos 40 anos de idade, recebeu a visita do anjo Gabriel, quem anunciou ser ele o verdadeiro profeta de Alá, denominação árabe para designar o único Deus. A princípio, Maomé duvidou da própria importância e chegou a considerar a aparição como obra de algum demônio. Coube a Cadija, sua esposa, convencê-lo do contrário e abrir-lhe os olhos para sua grande responsabilidade. Ao longo dos 23 anos seguintes, o mesmo anjo compartilharia com ele o conteúdo completo do Alcorão.

Perseguição e expansão

Uma vez consciente do seu papel, Maomé passou a pregar Alá como o verdadeiro deus, posto que não deveria ser compartilhado por nenhuma outra entidade. O crescente número de seguidores ao seu redor despertou a ira dos coraixitas, que viram naquele profeta uma ameaça à sua autoridade. Temendo pela própria vida, no ano de 622 Maomé partiu, juntamente com alguns de seus devotos, rumo à cidade de Medina, emigração tratada como Hégira (ou "partida").

Em sua nova morada, Maomé só viu crescer sua influência política e religiosa. Visando retomar o controle de Meca, chegou a comandar assaltos às caravanas que de lá partiam. A luta em nome dos interesses de Alá, esforço que recebeu a alcunha de Jihad, passou a predominar sobre todos as outras tradições morais e religiosas de antes. Antes de morrer, em 632, o grande porta-voz do islamismo já havia retomado controle sobre Meca e unido todo o país em torno de sua causa, tornando a religião mais importante que os laços sanguíneos tribais de outrora.

Porém, não se encerra aí a trajetória do Islã – termo que deriva do árabe islam e significa "submissão", a entrega completa a Alá em todas as esferas da vida,

FOTO Shutterstock Images

condição indispensável para que alguém seja considerado muçulmano. Durante os séculos seguintes, a religião rompeu os limites iniciais, dominou a porção norte da África e alcançou até mesmo a Península Ibérica (território composto atualmente por Portugal e Espanha), onde até hoje se encontra forte influência da cultura árabe. A leste, a fé de Maomé cristalizou-se nas porções centrais e sudeste da Ásia. Além da quase totalidade dos países do Oriente Médio (exceção feita a Israel), o islamismo é predominante em países como Indonésia, Paquistão, Afeganistão, Turquia, Nigéria, Senegal, Egito e Marrocos.

Tradição oral

O Alcorão é dividido em 114 suras ou suratas, como são chamados seus capítulos, somando mais de seis mil versículos. Estão divididas por tamanho, começando pelas maiores e terminando com as menores. A exceção fica por conta da primeira delas, *Al-Fatiha* (ou "A Abertura") que apresenta somente sete versículos:

Em nome de Deus, o Clemente,
o Misericordioso.
Louvado seja Deus, Senhor do Universo,
Clemente, o Misericordioso,
Soberano do Dia do Juízo.
Só a Ti adoramos e só de Ti
imploramos ajuda!
Guia-nos à senda reta,
À senda dos que agraciaste, não à dos abominados, nem à dos extraviados.

Uma vez que era sabido que Maomé era analfabeto, fica a pergunta: como o conteúdo do livro sagrado foi preservado? Alcorão vem de *Curan*, que, no idioma árabe, significa "ler" ou "ler em voz alta". Sendo assim, as palavras do anjo Gabriel eram recitadas por Maomé e depois transcritas pelos seus seguidores mais próximos. São as citações diretas de Alá, sem possíveis distorções.

Por isso mesmo, a real dimensão da obra só pode ser verdadeiramente compreendida por aqueles que dominam a língua árabe, sendo as traduções para qualquer outro idioma por natureza limitadas. Isso explica porque a memorização dos seus versos é tão valorizada nos países islâmicos, com crianças sendo treinadas desde cedo a fazê-lo. De certa forma, isso também tornaria o Alcorão inextinguível, pois mesmo que todas as cópias do livro pudessem ser queimadas de uma só vez, haveriam memorizadores nos quatro cantos do mundo dispostos a levar adiante seus dizeres.

Alcorão e Bíblia

Tendo também o cristianismo seu próprio livro sagrado, é até natural que se compare a Bíblia ao Alcorão. No entanto, existem algumas particularidades que precisam ser levadas em conta, como afirmam os autores Jostein Gaarder, Victor Hellern e Henry Notaker, na obra *O Livro das Religiões* (Companhia das Letras, 2005): "*O cristianismo ensina: 'E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós' (João 1,14). Jesus é a revelação. No islamismo, Maomé é apenas um intermediário, pois a verdadeira revelação ocorre do próprio Alcorão. No cristianismo a Palavra de Deus se tornou uma pessoa; no islamismo, um livro. Portanto, não é correto comparar Jesus com Maomé e a Bíblia com o Alcorão. Seria mais apropriado dizer que existe um paralelo entre Jesus e o Alcorão*".

Os cinco pilares

Nas páginas do Alcorão, também estão descritos os cinco pilares do islamismo, as obrigações religiosas que cabem a todo muçulmano. São elas:

1 – O Testemunho (*al-Shahadah*)

O credo do Islã encontra-se resumido no seguinte dizer: "Não há Deus senão Alá, e Maomé é seu profeta". São esses os dois pontos centrais da doutrina: o monoteísmo e sua revelação por meio de Maomé. A frase é repetida pelos fiéis várias vezes ao dia, é proclamada do alto dos minaretes (as torres das mesquitas) nos momentos de oração e também adorna as paredes dos templos. É a primeira coisa que deve ser sussurrada ao ouvido dos recém-nascidos e a última a ser dita aos moribundos.

2 – A Oração (*al-Salah*)

Os muçulmanos devem realizar diariamente cinco orações, ajoelhados em direção à Meca, em determinados horários: alvorecer (*Fajr*), meio-dia (*Dhuhr*), entre o meio-dia e o pôr-do-sol (*Asr*), pôr-do-sol (*Maghrib*) e início da noite (*Isha*). Antigamente, aqueles que exerciam o papel de muezim faziam o chamado, que, nos dias de hoje, acontece por fitas gravadas e tocadas nos alto-falantes. Antes de orar, os fiéis passam por um ritual de purificação, que pode envolver lavar o corpo inteiro em água corrente ou apenas as mãos e o rosto.

3 – A Caridade (*al-Zakah*)

Mais do que um presente, trata-se de um dever para todo muçulmano, sendo benéfica tanto para quem recebe quanto para quem contribui. Segundo as instruções de Maomé, é uma taxa que deve ser tirada dos mais ricos e dada aos pobres, no intuito de purificar os homens do egoísmo e da ganância. Em alguns países, faz parte da política oficial aparecendo como um imposto formal, recolhido e destinado para usos sociais.

4 – O Jejum (*al-Saum*)

Ocorre ao longo do Ramadã, o nono mês do ciclo lunar, o mesmo em que Maomé teve sua primeira revelação. Nesse período, os fiéis estão proibidos de comer, beber, fumar ou ter relações sexuais entre o nascer e o pôr-do-sol. Aos viajantes, doentes, crianças e grávidas é dada a possibilidade de cumprir o jejum em uma data posterior. No período da noite, quando as proibições são suspensas, é comum aos muçulmanos tanto se reunirem nas mesquitas para ouvir o Alcorão quanto celebrar com boa comida e bebida.

5 – A Peregrinação (*al-Hajj*)

Sendo Meca o maior centro de peregrinação muçulmana, os fiéis adultos devem fazê-lo pelo menos uma vez na vida – isso, desde que tenham condições de saúde e financeiras para tanto. A grande mesquita, construída ao redor do antigo templo da Caaba, é capaz de receber até 600 mil pessoas nos dias de maior movimento. Somente seguidores do Islã recebem autorização para visitar o local e, em vestes brancas, cumprir ritos como caminhar sete vezes em torno da Pedra Negra.

O Alcorão é dividido em 114 suras (ou suratas), começando pelas maiores e terminando pelas menores.



Ao todo, são mais de seis mil versículos em todo o livro.

FONTE O Livro das Religiões (Companhia das Letras, 2005) **FOTO** iStock.com/Getty Images

EM NOME DE ALÁ?

Como as palavras do Alcorão são distorcidas por quem as usa para promover a violência

Em agosto de 2015, o mundo recebeu com pesar a notícia da destruição de um templo histórico greco-romano do século I d.C., na cidade síria de Palmira, por ordem do denominado Estado Islâmico (EI), atuante sobretudo no Iraque e na Síria. Desde 2014, o grupo já promoveu diversas ações do tipo, tal qual quisesse mostrar desprezo por culturas diferentes da sua – sem esquecer o rastro de mortes associado à sua crescente expansão.

Extremista, radical e fundamentalista são adjetivos frequentemente associados ao EI e demais organizações semelhantes – como foi a Al Qaeda, de Osama Bin Laden, no passado recente. Um outro termo merece análise mais criteriosa: jihadista. Foi cunhado a partir de Jihad, conceito que define o esforço em se manter fiel aos princípios do Islã. Erroneamente, é entendido por alguns muçulmanos – e também pela mídia que os retrata – como uma "guerra santa". Por consequência, o islamismo passa a ser visto como uma religião intolerante, o que não corresponde à verdade.

Empenhados na fé

Impor aos demais a fé muçulmana por meio da violência não poderia estar mais distante daquilo que prega o Alcorão. "Qualquer esforço contra a injustiça e a opressão na sociedade humana, no intuito de promover a paz, erradicar os males ou mesmo remover o lixo das ruas, pode ser entendido como Jihad. Também se aplica ao esforço interior contra as influências negativas, o egoísmo e as demais tendências malignas", faz questão de dizer Gamal Fouad El Oumairi, professor e diretor do Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos (Ibei). "De modo algum, Jihad pode ser confundido com a ideia de 'guerra santa', na qual se busca a conversão pela força ou a agressão aos que não pensam como nós", confirma o estudioso do Islã.

Tal empenho pode ser empregado em duas frentes: é entendido como Jihad maior o esforço a nível pessoal, a luta interna do fiel contra defeitos como arrogância, inveja e desejos carnais; ao passo que Jihad menor é a dedicação a transmitir a crença em Alá ao maior número possível de pessoas. Tal divisão é de caráter muito mais simbólico e o desejado é que se concilie as duas expressões de fé.

É fato que o Alcorão fala em luta armada. No entanto, somente quando for absolutamente necessária e envolva a defesa de uma comunidade.

Autodefesa

Realmente, o Alcorão fala em luta armada, porém, somente dentro de um contexto que justifique-a: "O Islã reconhece o direito de defesa de uma comunidade ou nação contra a agressão e o uso da força quando este for absolutamente necessário. Diante de total ausência de alternativas à luta, tal forma de Jihad se torna um dever coletivo", esclarece Gamal.

Versículos da 22ª sura, *Al Hajj* ("A Peregrinação"), ilustram o caso:

Em verdade, Deus defende os fiéis, porque Deus não aprecia nenhum pérfido e ingrato.

Ele permitiu (o combate) aos que foram atacados; em verdade, Deus é Poderoso para socorrê-los.

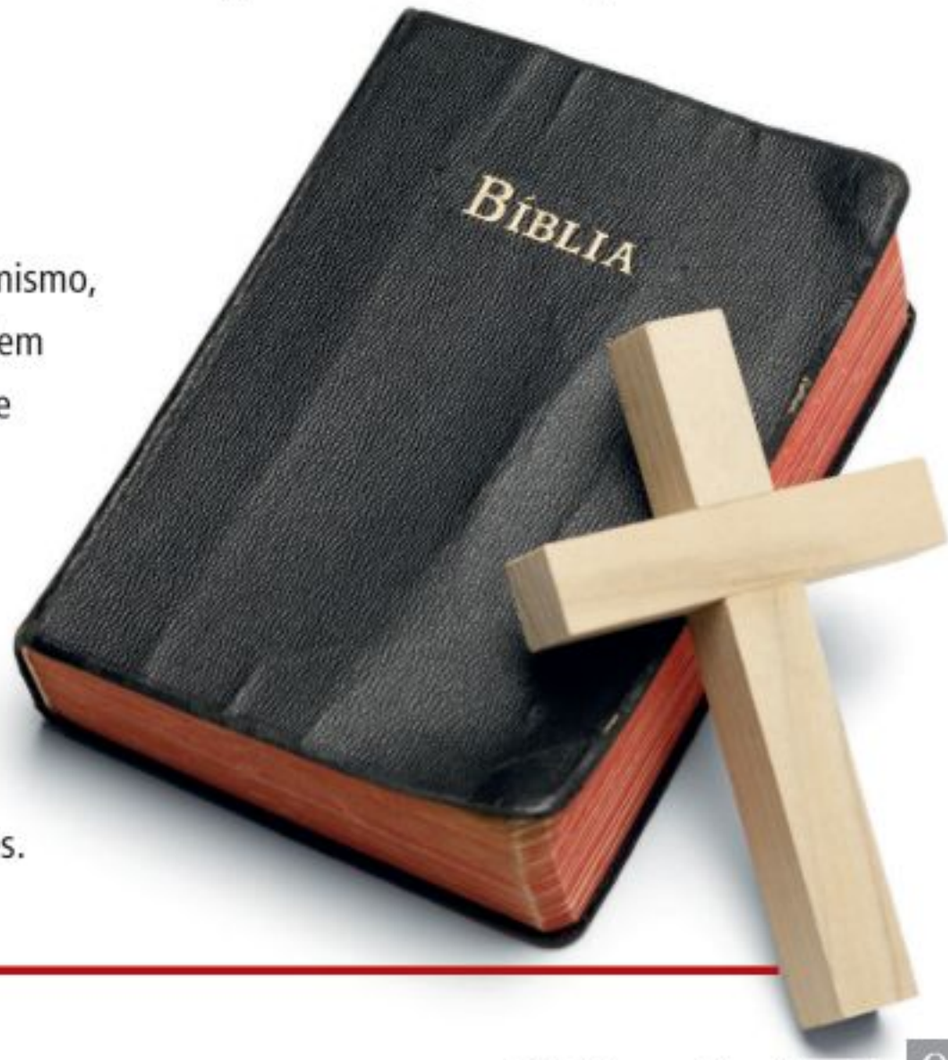
São aqueles que foram expulsos injustamente dos seus lares, só porque disseram: Nosso Senhor é Deus! E se Deus não tivesse refreado os instintos malignos de uns em relação aos outros, teriam sido destruídos mosteiros, igrejas, sinagogas e mesquitas, onde o nome de Deus é frequentemente celebrado. Sabei que Deus secundará quem O secundar, em Sua causa, porque é Forte, Poderosíssimo.

O uso de violência como forma de defesa é algo coerente com o contexto em que viveu Maomé, forçado até mesmo a fugir de Meca momentaneamente por propagar sua fé. Para os dias de hoje, vale a reflexão. Em lugares como a Palestina, o Alcorão serve de pano de fundo para atentados terroristas. Entretanto, um olhar mais apurado mostra que os motivos de ordem religiosa são os menores culpados pelo banho de sangue.

Tivessem os palestinos e outras comunidades islâmicas oprimidas melhores condições de vida, certamente não teriam muita voz aqueles que pregam a violência em nome de Alá. O mesmo pode ser dito a respeito do EI, que formou-se na esteira do estrago provocado pela invasão do Iraque por forças militares lideradas pelos Estados Unidos. Isso mostra o quanto o bloco dos países ocidentais também precisa rever (e muito) seus conceitos.

Olhando no espelho

O termo fundamentalista, por aqui quase automaticamente associado ao islamismo, não é exclusividade dos muçulmanos. Nos Estados Unidos, por exemplo, existem fortes correntes de **fundamentalismo cristão** ligadas ao protestantismo, que pregam a interpretação literal de algumas das passagens da **Bíblia**.
Quem falou primeiro em "guerra santa", por sinal, foram os cristãos da Idade Média, ao promoverem as Cruzadas, enviando gigantescos e sucessivos exércitos para Jerusalém, no intuito de tomá-la dos árabes. Durante o mesmo período, enquanto o islamismo se expandia, aos fiéis de outras crenças dentro de domínios muçulmanos era permitido seguirem seu credo, ainda que estes não desfrutassem dos mesmos direitos de seus conquistadores. A Inquisição católica, por outro lado, nem mesmo permitia tal coexistência.



CONSULTORIA Gamal Fouad El Oumairi, professor e diretor do Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos (Ibei) **FOTO** iStock.com/Getty Images

prof.com.partilhando

ACIMA DE TODOS, A LEI DIVINA

No islamismo, a política e o direito estão naturalmente vinculados à fé

O conceito de estado laico baseia-se na ideia de que o governo de uma nação deve ser isento no que se refere a questões religiosas, não apoiando ou se opondo a nenhum credo em especial. Oficialmente, a maioria dos países ocidentais, predominantemente cristãos, consideram-se estados laicos – embora nem sempre consigam escapar por completo de algum tipo de interferência motivada pela fé.

CONSULTORIA Gamal Fouad El Oumairi, professor e diretor do Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos (Ibei) **FOTOS** Shutterstock Images

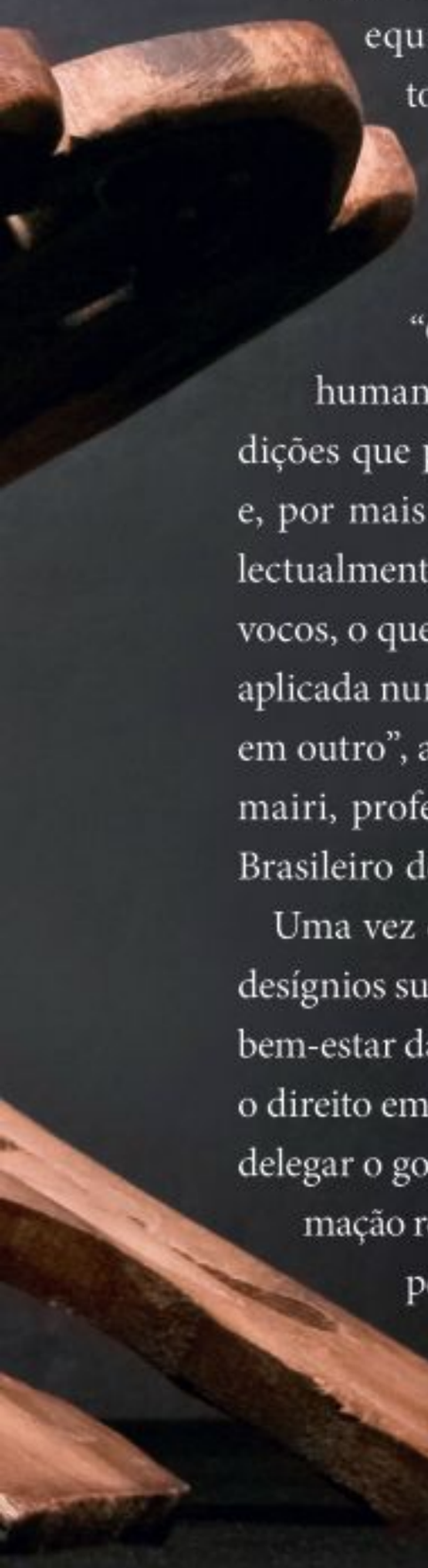
Olhando para o mundo islâmico, é impossível não notar a diferença entre os dois tipos de sociedade. Isso, desde os tempos de Maomé e dos primeiros califas, seus sucessores, que eram tanto líderes políticos quanto religiosos. A melhor representação disso encontra-se na sharia, o sistema de leis amparado nos dizeres do Alcorão, combinados à suna, os exemplos dados pelo profeta ainda em vida. Ilustra bem o caso arranjos legais que proíbem a cobrança de juros diante de empréstimos – o que acaba não se aplicando no âmbito das finanças internacionais, vale dizer.

Cada um a seu estilo

O quanto a sharia é adotada pode variar em cada um dos países que se classificam como islâmicos. Arábia Saudita e Irã são bons exemplos de nações em que a adesão às leis religiosas é praticamente completa – também são dois dos mais criticados pelos estados ocidentais quando episódios de pesados castigos físicos repercutem além de suas fronteiras. Dentro desse mesmo quesito, locais como Paquistão, Bangladesh e Indonésia podem ser considerados moderados, com a sharia presente apenas em certas questões, como casamentos e heranças, enquanto suas constituições são independentes. A Turquia é apontada como o principal caso de separação entre as esferas política e religiosa, o que pode ser explicado muito por sua localização geográfica dentro do continente europeu.

Regras divinas

No imaginário de muitos, a justiça é representada pela figura de uma mulher de olhos vendados (sinônimo de imparcialidade) carregando uma balança (que representa a necessidade de equilíbrio em seus julgamentos). Princípios nobres em sua formulação, mas passíveis de distorção pela própria natureza falha dos homens.



"Os legisladores, como seres humanos, não estão livres das condições que produzem os desequilíbrios e, por mais brilhantes que sejam intelectualmente, não estão isentos de equívocos, o que torna uma determinada lei aplicada num tempo injusta ou obsoleta em outro", aponta Gamal Fouad El Oumairi, professor e diretor do Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos (Ibei).

Uma vez que o Alcorão concentra os desígnios superiores de Alá, que visam o bem-estar da humanidade, fundamentar o direito em suas palavras – assim como delegar o governo a indivíduos com formação religiosa – é uma postura vista pelos muçulmanos como o caminho ideal a se seguir.

"Infelizmente, os muitos códigos de leis produzidos pela razão humana se mostraram incapazes de garantir este bem-estar, uma vez que jamais superaram as limitações do próprio homem", destaca o professor do Ibei.

Outro ponto de vista

Ao longo da história, não faltaram até hoje ocasiões em que governantes viram na fé de outros um instrumento de dominação, empregada para se alcançar objetivos escusos. Sendo assim, é coerente enxergar a proximidade entre política e religião como perigosa. Por outro lado, os valores originários de uma instância superior, a divina, teriam caráter absoluto e estariam imunes às injustiças. Para quem está inserido na esfera de um estado laico, o cenário pode parecer absurdo, entretanto, é necessário se despir de julgamentos pré-concebidos quando se olha para um contexto diferente.

"Na realidade, sempre que a lei se torna um instrumento de dominação, seja de um estado, de um governante ou de uma classe específica, sua conexão com a justiça, sua meta última, está comprometida. No caso de um estado islâmico, a sharia o controla e está acima dele e de seus governantes", frisa Gamal Fouad.

Isso não necessariamente significa que os representantes da religião sejam dotados de poderes ilimitados, como destaca Gamal: "Mesmo nos tribunais islâmicos mais imparciais e capacitados, podem eventualmente ocorrer erros, o que de modo algum tem relação com a perfeição da Lei Divina. Contudo, os mecanismos judiciais de uma corte islâmica permitem diminuir essa margem ao máximo, com especial cuidado em questões de maior gravidade, que envolvam punições. Nenhum veredicto pode ser levado a efeito enquanto houver qualquer probabilidade de dúvida".

Enquanto o mundo ocidental interpreta a proximidade entre religião e política como favorável a desmandos, no contexto do Islã ela é vista como uma garantia de justiça entre os próprios homens.

PELA IGUALDADE E RESPEITO

A opressão às mulheres não condiz com os ensinamentos do Alcorão

Antes dos atentados nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, boa parte do mundo sequer sabia onde ficava o Afeganistão, esconderijo de Osama Bin Laden, líder do grupo terrorista Al Qaeda, responsável pelos ataques aos norte-americanos. A violência chamou a atenção do resto do planeta para o talibã, o regime fundamentalista islâmico que desde a metade dos anos

1990 já vigorava no país asiático.

Um aspecto em especial na postura do talibã reforçou ainda mais a indignação de muita gente: as arbitrariedades cometidas contra as mulheres, por ele vistas como inferiores aos homens. A elas não era permitido estudar ou trabalhar, o que resultava em analfabetismo e dependência econômica dos pais e esposos. Saírem de casa sozinhas ou serem atendidas por médicos homens também não era permitido. Não raro, imagens de execuções públicas de esposas por adultério vinham à tona. A marca mais notória da opressão era o uso da burca, veste que cobre o corpo da cabeça aos pés (inclusive os olhos).

Posturas assim foram interpretadas como um sinônimo de que o islamismo é intolerante com a figura feminina. O quanto isso realmente corresponde à verdade?

Diferentemente do que muitos ocidentais imaginam, o Alcorão refere-se à mulher como dotada de igual importância perante ao homem. O cristianismo, aliás, já tratou a figura feminina de forma desigual em certos momentos.

A primeira seguidora

É dito que, ao receber pela primeira vez a visita do anjo Gabriel, trazendo-lhe as palavras sagradas do Alcorão, Maomé acreditou ter sido vítima de algum tipo de alucinação ou armadilha demoníaca. A influência de Cadija, sua esposa, foi fundamental para convencê-lo do contrário. Inclusive, a participação dela foi ainda mais decisiva: "Uma esposa conhece tanto o caráter exterior quanto o interior de seu marido. Sendo a primeira pessoa a aceitar o Islã, Cadija demonstrou acreditar na autenticidade de Maomé como mensageiro de Deus", atesta Gamal Fouad El Oumairi, professor e diretor do Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos (Ibei).

Quinze anos mais velha que Maomé, Cadija era herdeira de uma família rica, fator que também acabou mostrando-se decisivo para que o marido tivesse sucesso em seu dever de propagar a fé em Alá: "Nos anos iniciais da missão do Islã, o Profeta enfrentou a oposição severa do povo da cidade de Meca. Na linha de frente, Cadija forneceu o suporte moral a ele. Segundo os historiadores muçulmanos, eles discutiram de forma mútua as questões relacionadas ao movimento Islâmico. Ao mesmo tempo, foi pela prosperidade de Cadija que o Todo-Poderoso fez o Profeta autossuficiente nas suas necessidades financeiras", confirma Gamal. O destaque dado à atuação de Cadija é, por si só, um bom indício de que as mulheres gozam de respeito entre os muçulmanos.

Patamares iguais...

Ainda de acordo com Gamal, a religião acentua a igualdade de todas as pessoas, independente de grupo étnico, gênero ou posição social. "O Islã prescreveu papéis e responsabilidades diferentes aos homens e mulheres, com cada gênero completando o outro. Séculos antes do mundo moderno, o Islã reconheceu os direitos da mulher e aboliu o ritual selvagem de enterrar filhas vivas, um crime ultrajante praticado pelos árabes antes do tempo do Profeta Sagrado", ressalta o diretor do Ibei. Estão inclusos entre os direitos femininos receber heranças, possuir propriedades, obter um divórcio e ganhar a custódia das crianças.

Aos olhos de Alá, mulheres e homens são vistos de maneira indistinta. "A divisão só é possível quando falamos sobre a dimensão física dos seres humanos, não sobre a dimensão espiritual. E assim, da perspectiva islâmica, a humanidade da mulher nunca foi negada ou questionada, nem nunca foi discutido se ela possui ou não uma alma. Desde que ambos são os mesmos na sua humanidade, os dois foram criados para o mesmo objetivo: servir a Deus", complementa Gamal.

... com diferentes orientações

Ao mesmo tempo, o Alcorão traz regras de vestuário e comportamento para as mulheres bem diferentes daquelas vistas em sociedades como a brasileira, como diz um trecho da 24ª sura, chamada *An Nur* ("A Luz"):

Dize às fiéis que recatem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos, além dos que normalmente aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atrativos, a não ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às mulheres suas servas, seus criados isentos das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres; que não agitem os seus pés, para que não chamem à atenção sobre seus atrativos ocultos. Ó fiéis, voltai-vos todos, arrependidos, a Deus, a fim de que vos salveis!

Porém, vale lembrar que os conjuntos de costumes variam muito de um país islâmico para outro, passando dos mais severos aos mais moderados. Sendo assim, não existe um manual rígido de

FOTO Shutterstock Images

como uma autêntica mulher muçulmana deve se comportar.

As próprias vestes ilustram bem o caso. Se no Afeganistão prepondera a burca, em alguns países da Península Arábica é mais tradicional o nicabe (que só revela os olhos). No Irã, por sua vez, o mais aceitável é o chador (que deixa o rosto exposto). Nos Emirados Árabes Unidos e na maioria dos países muçulmanos ficou popular a al-amira (touca e lenço que escondem o cabelo e os ombros).

Outro fator que não pode ser desconsiderado é o contexto histórico em que o Alcorão foi revelado, um cenário radicalmente diferente daquele a que temos hoje – do qual os grupos fundamentalistas islâmicos discordam profundamente e afirmam ser a expressão da decadência humana. No fim, como em muitos dos outros abusos cometidos erroneamente em nome do Islã, a religião surge como justificativa aparente, embora não seja a verdadeira raiz do problema.

E vale lembrar: a própria Bíblia cristã, em alguns dos seus trechos, retrata a mulher com nítida inferioridade, a começar pelo tratamento dado à Eva, a primeira mulher, apontada como culpada pelo pecado primordial cometido por Adão. E mesmo os países ocidentais que se consideram mais evoluídos ainda não desfrutam por completo de uma sociedade em que a desigualdade entre os gêneros tenha sido superada.

Várias esposas de uma só vez?

A 4ª sura do Alcorão, *An Nissa* ("As Mulheres"), afirma em um de seus versículos:

Se temerdes ser injustos no trato com os órfãos, podereis desposar duas, três ou quatro das que vos aprouver, entre as mulheres.

Portanto, o livro sagrado realmente afirma que a poligamia masculina (a permissão para um mesmo homem casar-se com mais de uma mulher) é aceitável. Do ponto de vista histórico, é uma medida compreensível: nos tempos de Maomé, muitos maridos morriam em suas perigosas caravanas pelo deserto e deixavam esposas e filhos sem sustento. Por isso mesmo, o trecho citado acima prossegue, estabelecendo condições para aqueles que se propõe a manter dois ou mais casamentos simultâneos:

Mas, se temerdes não poder ser equitativos para com elas, casai, então, com uma só, ou conformai-vos com o que tender à mão. Isso é o mais adequado, para evitar que cometais injustiças.

E fica a pergunta: é possível ter várias esposas e tratá-las todas por igual? Para quem acredita que não, é mais coerente manter uma só família.

CONSULTORIA Gamal Fouad El Oumairi, professor e diretor do Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos (Ibei) **FOTO** Shutterstock Images

HISTÓRIA EM FOCO

ALCORÃO

ANO 1, Nº 1

Editora-Chefe Viviane Campos **Editor** Natália Ortega **Redação** Marcelo Ricciardi **Design** Diego Dias **Impressão** GRAFILAR Gráfica **Distribuição** Dinap

Fica proibida a reprodução parcial ou total de qualquer texto ou imagem deste produto sem autorização prévia dos responsáveis pela publicação.

ESTA É UMA PUBLICAÇÃO DA

alto astral editora

© EDITORA ALTO ASTRAL LTDA. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

PRESIDENTE João Carlos de Almeida
DIRETOR EXECUTIVO Pedro José Chiquito
DIRETOR COMERCIAL Silvino Brasolotto Junior
DIRETOR DE REDAÇÃO Sandro Paveloski

EDITORIAL **Gerentes** Mara De Santi e Gustavo Cândido **Editores** Ianara Althero, Raquel Luciano **Assistente editorial** Fernanda Villas Bôas **Editores de arte** Zu Fernandes (Editora-chefe), Alexandre M Carmo **Tratamento de imagem** Edson Iukawa (Editor), Karina Nomoto e Livia Bergamo **Ilustração** Eugênio Tonon, Ricardo Avancini **Digital** Patricia Sanches (Editora-chefe), Paulo Paixão (Desenvolvimento), Júlia Dantas (Editora assistente), Lucas Silva (Arte), Carlos Cubas (Analista de Desenvolvimento Pleno)
Desenvolvimento de Produto Otávio Mattiazzo Neto (Coordenação)
Produção/Documentação Mirian Izabel (Coordenação)

PUBLICIDADE **Gerente** Celso Rodrigues
Segmento Alto Consumo e Culinárias: Supervisor Artur Lelis **Executivas de Negócios** Amanda Vieira e Silvia Barbieri **Contato de Publicidade** José Raimundo **Segmento Segmentadas: Supervisor** Marcelo Cervantes **Executiva de Negócios** Danielle Laureano **Executivo de Contas** André Oliveira e Denise Abe **Contato de Publicidade** Marcio Costa **Mercado Regional: Supervisor** Sergio Dantas (BA) Aura Bahia (71) 3345-5600 (DF) ARMAZÉM DE COMUNICAÇÃO (61) 3321- 3440 (ES) MIX MÍDIA VIX (27) 3026-1083 (PR) LINS COMUNICAÇÃO (41) 3265- 2814 (RJ) PLUS REPRESENTAÇÃO (21) 2240- 9273 (RS) BINOTTO COMUNICAÇÃO (51) 3209-2041 (MG) NS&A (31) 25357333 (SC) ALVARO IAHNIG COMUNICAÇÃO (48) 3204-8316 (INT. SP) PARLARE (16) 3236-0016 **Digital** Jessica Ruffo **Classificados** Joelma Chagas **Marketing Publicitário** Helen Basso, Eduardo Rodrigues e Natalia Otoni **Opec** Walessa Gimenes e Daiane Santos. Fone (11) 3048-2900 **E-mail** publicidade@astral.com.br

MARKETING **Gerente** Flaviana Castro
Supervisor Fabiano Flamínio (Licenciamento e Novos Negócios). Fone: (14) 3235-3878 **E-mail:** marketing@astral.com.br

SERVIÇOS GRÁFICOS **Gerente** José Antonio Rodrigues

CIRCULAÇÃO
Coordenadores André Goulart e Lissandra Mahnis **Assistente de Circulação** Carolina Dario **Supervisora** Silvia Vieira

ADMINISTRATIVO/FINANCEIRO **Gerente** Jason Pereira

BAURU Rua Gustavo Maciel, 19-26, CEP 17012-110, Bauru, SP.
CORRESPONDÊNCIA Caixa Postal 471, CEP 17001-970, Bauru, SP. Fone (14) 3235-3878, Fax (14) 3235-3879.
SÃO PAULO Alameda Vicente Pinzon, 173, 4º andar - Conjunto 41. CEP 04547-130, Vila Olímpia, São Paulo, SP, Fone/Fax (11) 3048-2900.

ANER **ATENDIMENTO AO LEITOR** ✆ **(14) 3235-3885**
De segunda a sexta, das 8h às 18h. **E-mail:** atendimento@astral.com.br **Caixa Postal** 471, CEP 17001-970, Bauru, SP

Loja www.loja.editoraastral.com.br **E-mail loja** lojaonline@astral.com.br

É dever de todo muçulmano, tendo condições de saúde e financeiras, ao menos uma vez na vida peregrinar à cidade de Meca, onde o islamismo teve início, por obra de Maomé.

FOTO: Shutterstock Images

RECEITAS DELICIOSA
VÃO TE AUXILIAR A
ESCOLHAS MAIS SAU





CLIQUE NO EXEMPLAR
E GARANTA O SEU